

**CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
ETEC TRAJANO CAMARGO
3º ETIM ADMINISTRAÇÃO**

**GABRIELLY BELINELLI LIZARDO
ITAUANA SANTOS BARBOSA
PIETRO GODOY BORGES DE ALMEIDA**

**INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN EM
ESCOLA PÚBLICA NA BASE FUNDAMENTAL**

**LIMEIRA-SP
2023**

GABRIELLY BELINELLI LIZARDO
ITAUANA SANTOS BARBOSA
PIETRO GODOY BORGES DE ALMEIDA

**INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN EM
ESCOLA PÚBLICA NA BASE FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Técnico em Administração da ETEC
Trajano Camargo, orientado pelo Prof. Ricardo
Franciscato como requisito parcial para obtenção
de título de técnico em Administração.

LIMEIRA-SP
2023

RESUMO

A inclusão de crianças com Síndrome de Down (SD) na educação básica pública, é um direito humano e um desafio para as políticas públicas. A SD é considerada uma alteração genética que causa algumas características físicas e intelectuais, mas com enfoque no trabalho a investigação como a escola pode promover a inclusão educacional e social, suas práticas pedagógicas mais adequadas e sua importância na participação e o desenvolvimento das crianças com SD e de seus colegas, professores e comunidade. O trabalho se baseia em pesquisa bibliográfica e entrevista técnica com o caso escolar na cidade de Limeira SP, ampliando o conhecimento geral sobre SD e o seu impacto no meio familiar, no meio social e a inclusão no campo acadêmico.

Palavras-chaves: Inclusão, Síndrome de Down, Educação Básica Pública, Prática Pedagógica, Pesquisa Bibliográfica e Entrevista Técnica

SUMMARY

The inclusion of children with down syndrome (ds) in public basic education is a human right and a challenge for public policies. Ds is considered a genetic alteration that causes some physical and intellectual characteristics, but with a focus on research into how schools can promote educational and social inclusion, their most appropriate pedagogical practices and their importance in the participation and development of children with ds and from their peers, teachers and community. The work is based on bibliographical research and technical interviews with the school case in the city of Limeira sp, expanding general knowledge about ds and its impact on the family environment, the social environment and inclusion in the academic field.

Keywords: inclusion, down syndrome, public basic education, pedagogical practice, bibliographic research and technical interview.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	05
1.1 Objetivo Geral.....	06
1.2 Objetivos Específicos.....	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	07
2.1 Síndrome De Down e Educação Inclusiva.....	07
2.2 A Família Como Estimuladora Da Criança Com Síndrome De Down.....	09
2.3 Dificuldade No Âmbito Escolar Para Crianças Com Síndrome De Down..	10
3. METODOLOGIA.....	12
3.1 Fluxograma.....	12
3.2 Cronograma.....	13
4. DESENVOLVIMENTO.....	14
5.RESULTADOS ESPERADOS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	25

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

“A síndrome de Down não é uma doença, mas sim uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais ligado ao par de número 21 (na maioria das vezes, o corpo humano possui 23 pares cromossômicos)” (Hospital Pequeno Príncipe (s/d).

Apesar dos inúmeros desafios, a vida de uma pessoa com síndrome de Down melhorou muito nos últimos anos. À época de Langdon Down – que se referiu à síndrome pela primeira vez em 1866 –, por exemplo, quem tinha essa condição era isolado. “Hoje entende-se que a inclusão da pessoa com síndrome de Down deve ser defendida em todos os ambientes”, segundo o Hospital Pequeno Príncipe (s/d).

Segundo a redação National Geographic Brasil (2023), o Dia Internacional da Síndrome de Down, lembrado em 21 de março, é oficialmente reconhecida pelas Nações Unidas desde 2012. A data escolhida representa a triplicação (trissomia) do 21º cromossomo que causa a síndrome. A mensagem central da comemoração de 2023 é sintetizada pela frase “Conosco, não para nós”, em conjunto nesse trabalho nos traz a reflexão “O que significa inclusão?”, com o objetivo de conscientizar pessoas em todo o mundo na defesa da inclusão total na sociedade das pessoas com síndrome de Down. Em seus princípios gerais, a redação National Geographic Brasil (2023), afirma que a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) da ONU, diz: “Participação e inclusão plena e efetiva na sociedade”.

Segundo a plataforma Projeto Redação (2018), a inclusão escolar é um tema mais discutido na educação esse processo de Necessidades Educativas Especiais (NEE), desde que a ONU (Organização das Nações Unidas) criou o dia nacional dos portadores da trissomia do 21, celebrado no dia 21 de março em 193 países, sendo algo concreto na educação brasileira, principalmente em escolas de ensino básico. O ensino tem uma aprendizagem desafiadora provocando o desenvolvimento da potencialidade individual e diferenças entre os alunos.

Ressalta-se que a inclusão não enquadra apenas a matrícula deste educando, mas sim na mudança de postura da escola concomitantemente com a especialização e entendimento por parte do docente de sala.

As entrevistas aplicadas no artigo demonstram que as adversidades vêm sendo combatidas no cotidiano por meio da comunidade escolar envolvendo avanços atingindo professores, educadores e principalmente alunos. Portanto o artigo tem como finalidade apresentar por meio de pesquisa bibliográficas e entrevista técnicas, estando ligada a seguinte questão: um caso escolar na rede pública que demonstra a importância dos estímulos no meio familiar agregado ao desenvolvimento pedagógico, na cidade de Limeira – SP.

1.1 OBJETIVO GERAL

No contexto, este trabalho tem como objetivo geral é investigar os caminhos e desafios da inclusão de crianças com Síndrome de Down na base fundamental da rede pública de ensino. Pretendemos analisar como as políticas públicas têm abordado essa questão, quais as práticas pedagógicas mais eficazes para promover a inclusão, e como a participação dessas crianças na escola influencia seu desenvolvimento social, emocional e acadêmico. Além disso, buscamos compreender como a inclusão impacta não apenas os alunos com Síndrome de Down, mas também seus colegas, professores e a comunidade escolar como um todo.

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Tendo como objetivo específico:

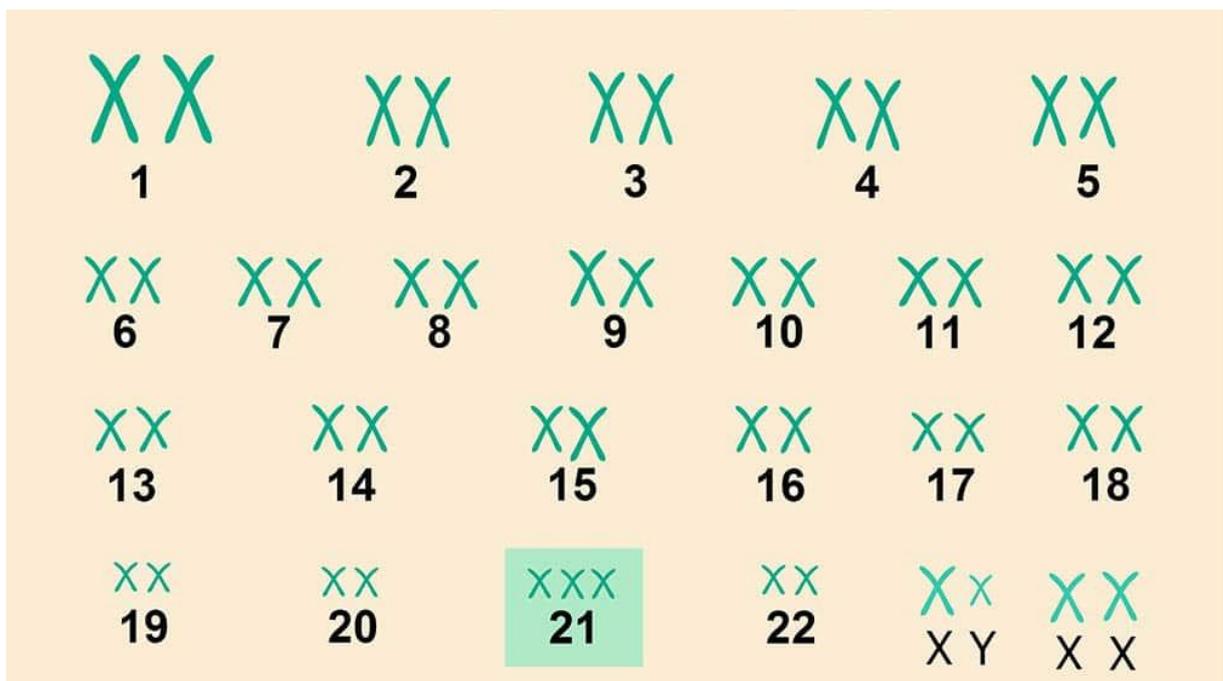
- Realizar as pesquisas bibliográficas.
- Desenvolver um plano de pesquisa para o trabalho.
- Observar ao decorrer do trabalho o impacto da socialização para o desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down.
- Verificar como são pensados e organizados os planejamentos pedagógicos para a turma na qual está matriculada uma criança com Síndrome de Down.
- Ampliar o acesso à informação e conhecimento sobre o que é a Síndrome de Down.
- Conscientizar da importância da inclusão no campo acadêmico.
- Tornar o aprendizado de crianças mais prático e interativo.
- Executar o relatório com os resultados obtidos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. SÍNDROME DE DOWN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, é uma alteração genética causada por uma divisão celular atípica durante a divisão embrionária. As pessoas com a síndrome, em vez de dois cromossomos no par 21 (o menor cromossomo humano), possuem três. Não se sabe por que isso acontece. Crianças com síndrome de Down precisam ser estimuladas desde o nascimento, para que sejam capazes de vencer as limitações que essa condição lhes impõe. (VARELLA, 2023), como mostra figura 1.

(Figura 1. Alteração cromossômica)



Fonte: SÍNDROME DE DOWN. Drauzio Varella. 2023

O desenvolvimento mental de uma criança com Síndrome de Down procede da seguinte forma como descrito por Hamilton (2021).

“O quociente de inteligência (QI) de crianças com síndrome de Down varia, mas é em média igual a 50, em comparação a crianças normais cujo QI médio é 100. Crianças com síndrome de Down costumam apresentar atrasos no desenvolvimento de habilidades motoras e linguísticas, mas isto varia. Um comportamento sugestivo de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade costuma ser visto na infância. As crianças com síndrome de Down correm maior risco de comportamento autista, especialmente aquelas com deficiência intelectual grave. Existe um risco aumentado de depressão em adultos e de depressão em crianças. Uma intervenção precoce com serviços educacionais e de outros tipos melhora o desempenho de crianças pequenas com síndrome de Down”. (HAMILTON, 2021).

Dentro do âmbito escolar é garantido o direito de vagas no ensino educacional por meio da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146/2015), na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96, atualizada em 2023) e, em São Paulo, na Lei Estadual nº 16.925/2019. Sendo dever do estado garantir uma educação especializada nas escolas se rede regular, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no 9.394/96 (Brasil, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III, comprova que o estudante com deficiência tem o direito de ter profissional de apoio escolar oferecido pela instituição na qual está matriculado.

Segundo uma pesquisa recente realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), crianças que estudaram com colegas com deficiência desenvolveram atitudes positivas relacionadas à tolerância, respeito ao próximo e uma abertura ao diálogo muito maior do que as que conviveram em ambientes mais homogêneos (MARQUES, 2023). Esse fato demonstra que crianças portadoras de Síndrome de Down ao estudar com seus amigos sem deficiência, acabam beneficiando a si mesmo e aos demais alunos.

2.2 A FAMÍLIA COMO ESTIMULADORA DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

A família desempenha um papel crucial como principal estimuladora do desenvolvimento pessoal, social, profissional e emocional da criança com Down, motivando e incentivando o desenvolvimento da criança, oferecendo oportunidades para que ela explore seu potencial (Instituto MetaSocial, 2023).

É importante que a família reconheça e respeite as habilidades e limitações de seu filho, evitando fazer por ele as atividades que ele já é capaz de realizar, a fim de promover sua autonomia e independência (GOMES, 2021).

A família é fundamental para o desenvolvimento de toda criança, contudo ao receberem o diagnóstico de Síndrome de Down demoram um tempo considerável para aceitarem a condição, passando por problemas de aceitação, rejeição e sentimento de revolta até que essa relação se transforme em amor e carinho (HANNUN JSS, et al., 2018).

A Participação familiar em atividades, aumentam as possibilidades de aprendizagem, produzindo desenvolvimento socioemocional, cognitivo e linguagem da criança. A falta de estímulos familiares em criança com SD, demonstraram desenvolvimento inconstante e dificuldades em seu cotidiano. (SEHN AS, et al., 2019).

Ademais, a criança necessita de um estímulo por meio da medicina com profissionais nas áreas de fonoaudiologia, fisioterapia e psicologia, que deve ser acampamento constante, se possível diário, Lara resultados hábeis. (MARINHO MFS, 2018).

A brincadeira é um estímulo a ser destacado na aprendizagem, pois floresce as capacidades motoras, verbais e cognitivas, como forma de assimilação repetitiva, jogos de regras fazem esse papel por meio da postura, equilíbrio e sensibilidade. Através da brincadeira a criança desenvolve suas capacidades motoras, verbal e cognitivas. Ou seja, ela é uma forma de assimilação funcional e repetitiva que desenvolve hábitos e esquemas sensório-motores. Ainda que a brincadeira do

portador de SD seja semelhante à da criança típica, ela tende a ser menos explorável, sendo importante estimulá-lo por meio de jogos com regras, para que se tenha uma participação efetiva através do brincar, no trabalho de estimulação de sua sensibilidade, postura e equilíbrio (PELOSIA MB, et al., 2020).

2.3 DIFICULDADE NO ÂMBITO ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

De acordo com BARION (2021) em ambientes escolares todas as crianças possuem dificuldades em certas atividades e facilidade em outras do mesmo jeito acontece com crianças com síndrome de Down, que somente necessitam de uma atenção específica. Ademais os profissionais de ensino devem se adequar as principais dificuldades do aluno portador de síndrome para realizar o planejamento pedagógico, mas nesse processo deve-se levar em conta que muitas crianças portadoras de Síndrome de Down apresentam deficiência intelectual fazendo com que a mesma tenha dificuldade ainda maior em compreender e raciocinar afetando também suas práticas sociais resultando em hiperatividade, inquietações e distrações, portanto é de dever escolar incentivar recursos diferentes para evolução de aprendizagem, que não deve ser medida e comparada com a dos demais alunos.

Segundo a médica pediatra do Ambulatório Multidisciplinar de Síndrome de Down do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE-UERJ), Anna Paula Baumblatt, os alunos devem ser tratados de forma igualitária, respeitando a individualidade de cada um. “Independentemente da Síndrome de Down, cada estudante vai apresentar facilidades e dificuldades de acordo com o conteúdo oferecido”. O mais importante no processo de aprendizagem é fazer com que o aluno portador de deficiência se sinta capaz de superar as dificuldades, potencializando as habilidades. O trabalho com as diferenças é um desafio para todos, mas também um aprendizado valioso. A verdadeira inclusão que se aprende é que não só elas, mas todas as crianças, têm necessidades especiais. (QUEIROZ, 2021).

De acordo com SOUZA (2023), 95% das crianças com Síndrome de Down apresentam problemas na hora de serem compreendidas pois possuem uma inteligibilidade na fala que influencia no desenvolvimento da sua linguagem e na sua

comunicação geral. Audição é deficiente em grande parte de crianças portadoras dessa síndrome portanto quando não são capazes de perceber adequadamente os sons dificilmente são capazes de produzir eles bem.

A dificuldade na fala e na linguagem é uma característica das pessoas que tem síndrome de Down. No entanto, com ajuda e trabalhos de fonoaudiólogos, conseguem se comunicar normalmente e serem entendidos normalmente. O vocabulário deles, nunca será igual ao de uma pessoa sem a síndrome, pois o deles é muito mais restrito, o que não restringe a comunicação. Eles tendem a se comunicar não só com a fala, mas com sinais e gestos, o que ajuda aqueles que estão tentando entender. Para encorajar o desenvolvimento da fala, é importante que lhe sejam proporcionadas todas as atividades para auxiliar a sua compreensão e comunicação (REIS, 2016).

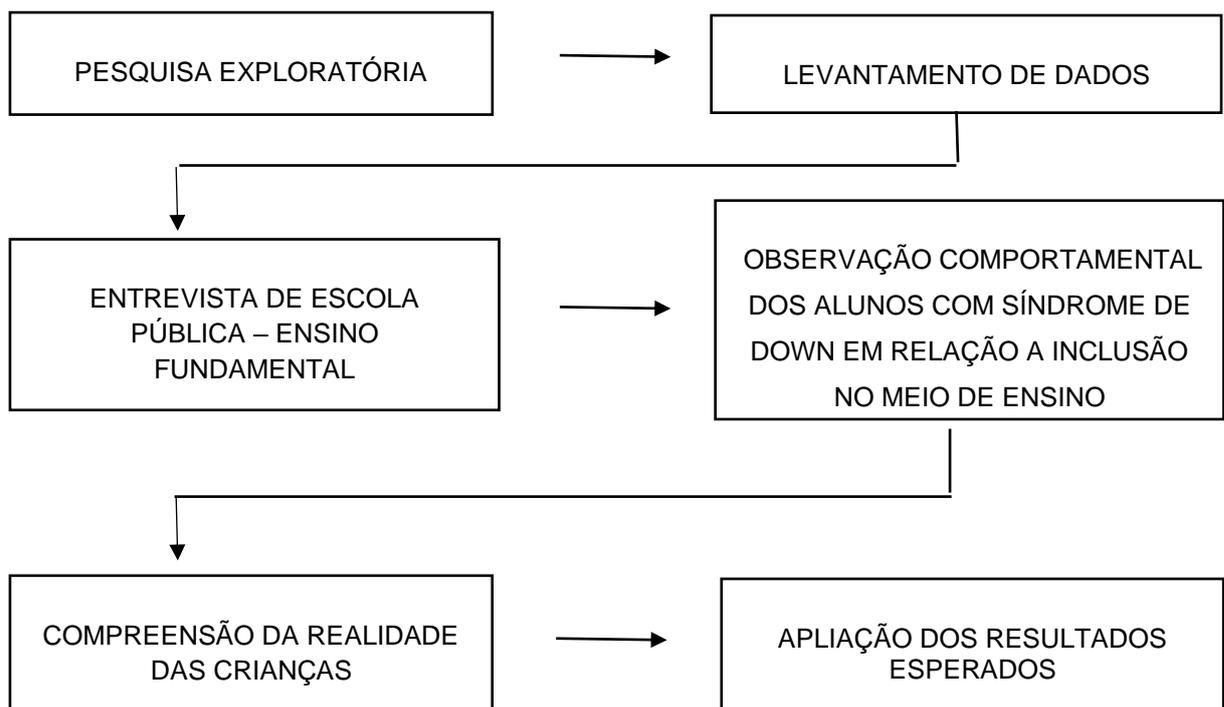
“Os preconceitos nesse contexto são o principal obstáculo para a construção de uma sociedade igualitária e justa para todos... Os ministérios de tutela e as instituições competentes têm a obrigação legal e moral de oferecer educação inclusiva, em que o foco principal é o desenvolvimento de competências e habilidades em crianças com diferentes processos de desenvolvimento, enfatizando a necessidade de sensibilizar o público sobre essas questões” (PENDAROVSKI, 2022).

De acordo com Kumon Brasil (2022), as pessoas de Síndrome de Down que sofrem certo preconceito ou até mesmo rejeição pelo fato de terem essa síndrome e assim não conseguirem o apoio necessário, aumentando a chance da saída da escola, diminuindo seu rendimento escolar, por consequência desses traumas.

3. METODOLOGIA

Este estudo adotará uma abordagem mista, de acordo com Creswell (2010), o método misto é uma abordagem que combina o método quantitativo e qualitativo com enfoque na obtenção de dados e compreensão profunda de tais, a pesquisa exploratória, segundo Gil (2019), tem o propósito obter maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou até mesmo construindo hipótese, com o planejamento flexível considerando aspectos relativos ao fato. O levantamento de dados foi feito por meio da observação ocorrendo de forma espontânea de acordo com a seguinte informativa de Lakatos e Marconi (2010). Serão realizadas as seguintes etapas na figura 1:

Figura 1. Desenvolvimento das atividades Experimentais.



Fonte: Os autores

3.1 Cronograma de execução das atividades

Para o desenvolvimento do plano de pesquisa, formulamos o seguinte cronograma: (Figura 2)

Figura 2. Planejamento e datas importantes

	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Pesquisas sobre temas-sáude										
Pesquisa do tema: síndrome de down										
Revisão bibliográfica										
Escolha do tema										
Procuras de escolas										

Entrevistas- escolas, ensino fundamental II										
Plano de pesquisa										
Desenvolvimento										
Revisão final										
Produção banner										
Apresentaçãona Feira científica										
Relatório de resultados										

Fonte: Os autores, 2023.

4. DESENVOLVIMENTO

A escolha do tema para este estudo foi motivada por uma experiência pessoal vivenciada por um dos membros do grupo de pesquisa durante sua jornada educacional no ensino fundamental. Ao longo desse período, foram observadas contradições marcantes, oscilando entre momentos de alegria e tristeza, desafios e recompensas. Esta experiência pessoal serve como uma justificativa convincente para a relevância deste estudo, uma vez que busca explorar e evidenciar como a inclusão de um aluno com Síndrome de Down demanda paciência e pode contribuir significativamente para o acúmulo de conhecimento da sociedade sobre a Síndrome de Down e a educação inclusiva.

Através desta pesquisa, almejamos destacar a importância de remover as diversas barreiras que ainda persistem neste processo de inclusão, sendo o preconceito e a falta de integração dos alunos com Síndrome de Down nas escolas e em outros ambientes sociais exemplos notáveis. Reconhecemos que uma escola de qualidade e a ajuda da família desempenha um papel crucial nesse contexto, pois não apenas auxilia na promoção da autoestima dos alunos/ filhos, mas também contribui de forma significativa para o desenvolvimento emocional das crianças, capacitando-as a enfrentar com resiliência e determinação quaisquer desafios que possam surgir ao longo do processo de inclusão.

Durante entrevistas com colaboradores integrados as escolas públicas de Limeira tivemos dois casos específicos, para preservar os nomes trataremos dos caso/escolas como: A1, A2 e da aluna portadora de Síndrome de Down em uma das escolas como B1.

Partindo da entrevistada A1, adquirimos informações reais do cotidiano de um caso de Síndrome de Down. De acordo A1, a escola em questão possui uma sala de recursos para atendimento de crianças especiais, sendo nessa sala onde as crianças recebem aulas, dinâmicas integrativas ao seu currículo pedagógico, integrando seu conhecimento, um plano extra é mandado para o desenvolvimento personalizado dos alunos, essas aulas são realizadas no período contrário ao da sala regular.

Se referindo a sua rotina com os alunos com Síndrome de Down, ela diz ser normal, por estar acostumada, e descreve as dificuldades das falas, que por ela é

deduzível. A adaptação para ela é fácil, porém, os alunos com SD não conseguem formar muitos amigos, nesse caso específico B1 possui cuidadora, o que interfere mais em sua socialização com os demais alunos.

Segundo A1, a sala de recursos tem um papel fundamental na inclusão escolar, por meio dela os demais alunos reconhecem as deficiências integradas em suas salas, e seu comportamento, A1 descreve que seu papel é orientar as crianças sem nenhuma deficiência, sobre as dificuldades dessas crianças para uma convivência saudável.

Para A1 a avaliação pedagógica dos professores se torna difícil pela quantidade de alunos na sala, normalmente os alunos com SD são minoria, portanto a adaptação de avaliação se torna defasada nesse quesito. A1 descreve o caso da falta de estímulo por parte dos pais o que eleva o atraso ao indivíduo com a síndrome, B1 vem de um desenvolvimento tardio, sem a falta de relacionamento entre amigos e dificuldades naturais, tendo seu desenvolvimento cognitivo e social afetado. Nesse caso os pais dessa aluna estavam descidos a retirá-la da escola pela falta de avanço pedagógico, A1 incentiva os pais e inicia do zero a alfabetização iniciando pelo nome e colocando em prática a retirada da dependência física, como por exemplo a dependência que B1 tinha ao carregar sua própria mochila, que segundo A1 essa foi uma grande transformação no desenvolvimento da sua fala e própria busca de independência. O caso implica nitidamente a importância da inclusão em uma escola que prioriza o ensino especial e estímulo familiar.

“Por sua dificuldade a aluna não acreditava em si mesma por isso o emocional teve que ser trabalhado” (A1)

De acordo com A1, as dificuldades maiores entre as crianças se dão na integração com os demais alunos, até em seu avanço para o fundamental, pois de certa forma mesmo avançando em idade essas crianças continuam tendo atitudes infantilizadas, portanto é de caráter do professor integrar de forma correta o aluno com síndrome de Down, dando importância especial ao aluno.

Os alunos normalmente não têm o conhecimento profundo sobre o que é a Síndrome de Down o que implica na convivência do aluno com essa síndrome, o aspecto físico traz mais facilidade para essa interação. Ademais os alunos conseguem perceber as dificuldades, mas não procuram se integrar.

A família possui um papel importante nessa inclusão, pois normalmente realizam uma proteção, privando o portador de SD de realizar algumas atividades cotidianas comuns como arrumar o quarto, isso implica em seu desenvolvimento motor agravando a dificuldade que é existente pela influência da síndrome. Essa falta de estímulo influencia no desenvolvimento motor, tendo atraso na escrita, e fala. Para A1, o estímulo por parte dos pais é primordial, principalmente na fala e coordenação motora, para uma influência positiva na aprendizagem. Surge a importância de atividades como dança, ballet para desenvolver a comunicação em grupo e até mesmo na ajuda em casa, como guardar a louça quando seca, arrumar a cama e comer de forma independente.

A inclusão social na escola é um dos pontos-chave para a qualidade de vida de quem tem síndrome de Down. A inclusão da criança com síndrome de Down no âmbito escolar é um direito garantido a todos por lei, sem diferenciação de cor, etnia, religião ou qualquer tipo de necessidade especial. A participação plena dessa população na vida escolar, profissional e social aumenta sua possibilidade de desenvolvimento, além de reforçar para a sociedade a necessidade de respeito às diferenças e à diversidade

Mediante a entrevista A2 foi constatado que o relacionamento dos pais com a escola tem melhorado ao longo dos anos, mas ainda existem questões que precisam ser resolvidas, como a falta de terapias e grupos de apoio.

Além disso, a pesquisa explora como as crianças com síndrome de Down lidam com a transição das férias para o ambiente escolar. Muitas vezes, essa transição pode ser desafiadora para essas crianças, e foi importante compreender como a escola lida com essa questão. A entrevista A2 relaciona esse fato mediante muita paciência, mantendo a criança em lugares que não sejam tão chamativos, pois assim seu foco

no aprendizado vai estar ainda mais disperso, por ter frequentemente momentos de concentração menores em relação aos seus colegas.

“Para que a monitora ou a professora consiga ajudar a distrair o hiper foco da criança, foi preciso criar rotinas adaptadas que ajudam a melhorar seu tempo de atenção ampliando sua capacidade cognitivas. [...] É algo desafiador ensinar a criança a entender que tudo que impulsiona seu hiper foco, não é dela, mas sim de todos que participam dessa rede escolar e algo mesmo tempo integrar conhecimento”

Nosso objetivo com essa entrevista foi compreender como as escolas estão lidando com a inclusão de crianças com síndrome de Down e identificar as estratégias e desafios enfrentados no processo. De acordo com a pesquisa A2, para que as crianças com síndrome de Down tenham uma experiência de inclusão bem-sucedida, é importante que haja uma rede de apoio que envolva não apenas a escola, mas também terapeutas, grupos de apoio e terapias complementares, como musicoterapia e terapia ocupacional.

No primeiro momento a pesquisa foi dedicada a observação direta pelos integrantes de pesquisa, por meio de uma aula demonstrativa na sala inclusiva na escola A1, enriquecendo o conhecimento em momentos de atividades realizadas em grupo por crianças com SD e outras deficiências físicas e intelectuais, particularidades e peculiaridades de todos envolvidos em sala. A professora responsável envolveu o grupo de pesquisa junto as crianças, que foi notável a reciprocidade por parte delas, mesmo com cada individualidade, a pesquisa foi engrandecedora, por meio de um roteiro que foi introduzido, outras questões surgiram durante o processo.

Durante o processo de observação nas atividades, foi reconhecido que B1 não era uma criança com SD que se sentia tão perdida quando entrou na escola, mas sim um sujeito que hoje faz parte daquele contexto porque tem a capacidade de aprender e se desenvolver independente de suas características físicas, motoras, sensórias, dentre outras, mesmo com o desenvolvimento tardio, um ritmo muito mais lento que deveria ter, pela falta de incentivo, autoestima e auto confiança isso é introduzido a ela todos os momentos necessários pela professora responsável e de forma indireta dos alunos, sendo algo essencial para sua interação e socialização.

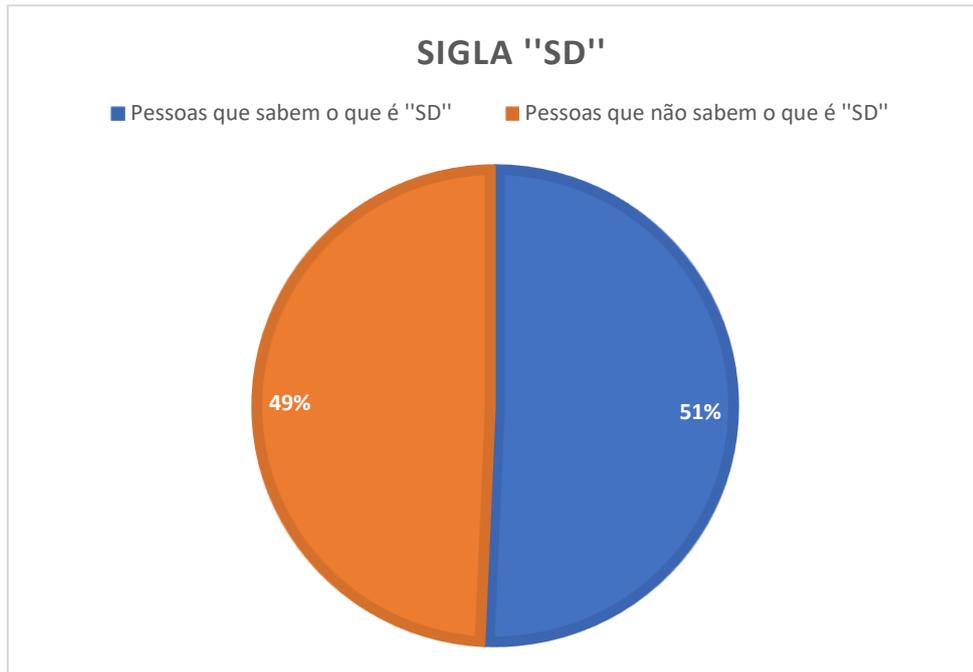
Pelo seu desenvolvimento tardio foi percebido sua dificuldade em se comunicar com os alunos e a professora, mas isso não a deixava deslocada por ser diferente devido a SD, as outras crianças por seguinte tratavam como uma criança pertencente de fato daquele grupo, tanto aquelas que participavam na sala inclusiva como as crianças que não tinham retardo mental. Com base nisso em um momento é mencionado pela professora emotiva pela situação:

“Olha que lindo, é por isso que não devemos ver de imediato a deficiência, mas o ser humano, ver a criança como qual quer outra, pois em todos os lugares somos iguais, o que muda são as individualidades que qual quer um tem.”

Diante disso, a inclusão da criança já existe por maior parte dos professores e alunos, sendo importante ressaltar a necessidade do planejamento, foco e formação para conhecer a síndrome, como atuar e suas reais exigências, tendo um olhar mais atento para que nenhuma dessas crianças tenham seu direito a educação negado ou negligenciado por ser diferente ou/ e deficiente.

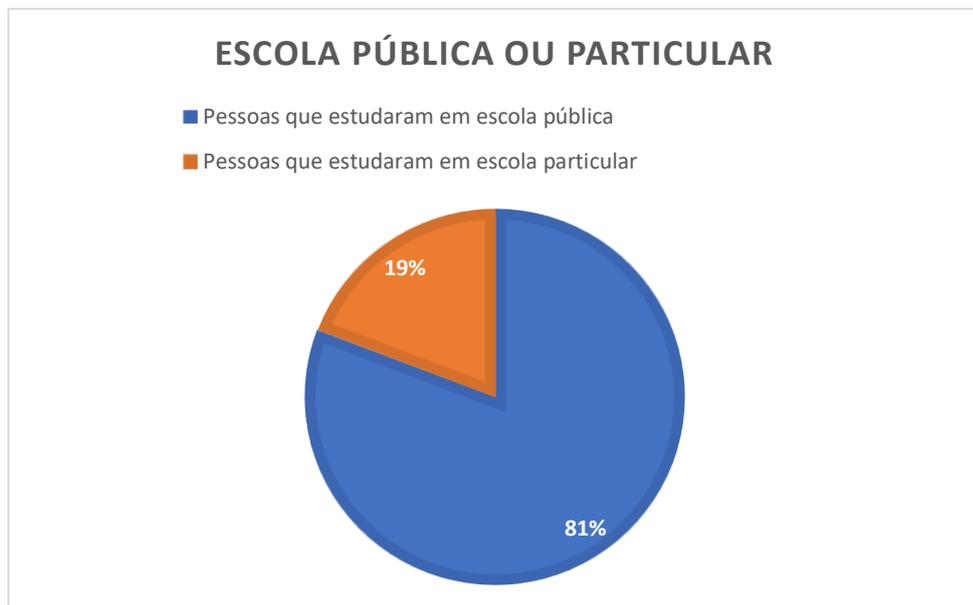
Foi elaborado um levantamento de dados com pessoas com faixa etária de 16 a 30 anos de idade para explorar o conhecimento geral sobre o assunto Síndrome de Down, totalizando 73 pessoas, conforme demonstra a figura 1:

figura 1: Pergunta sobre o conhecimento sobre "SD"



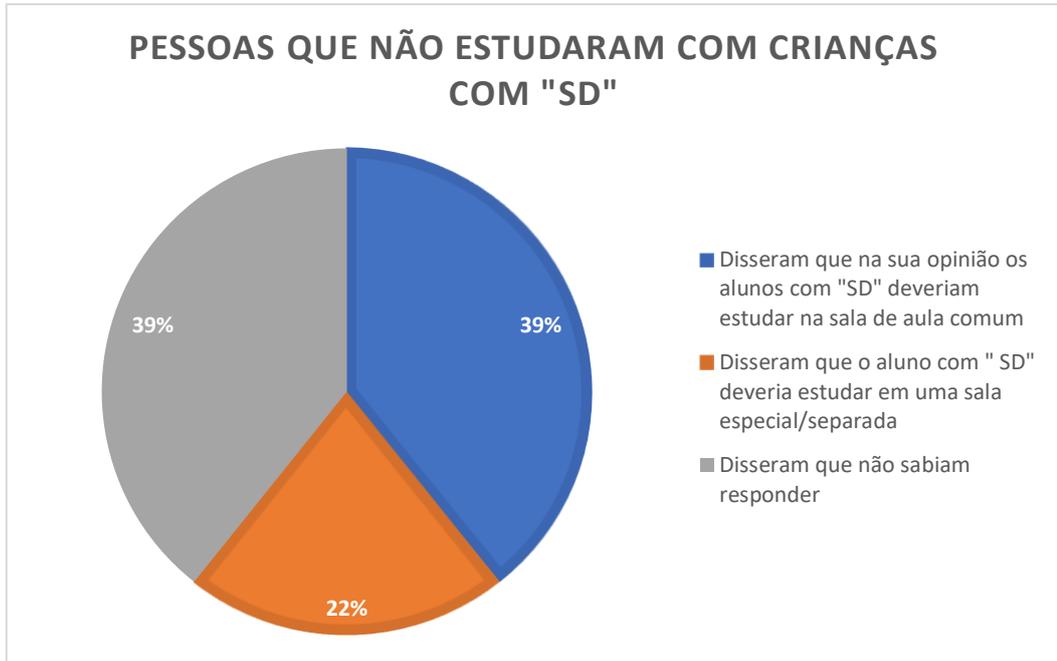
Fonte: Os autores

Figura 2: Perguntam sobre o ensino no fundamental



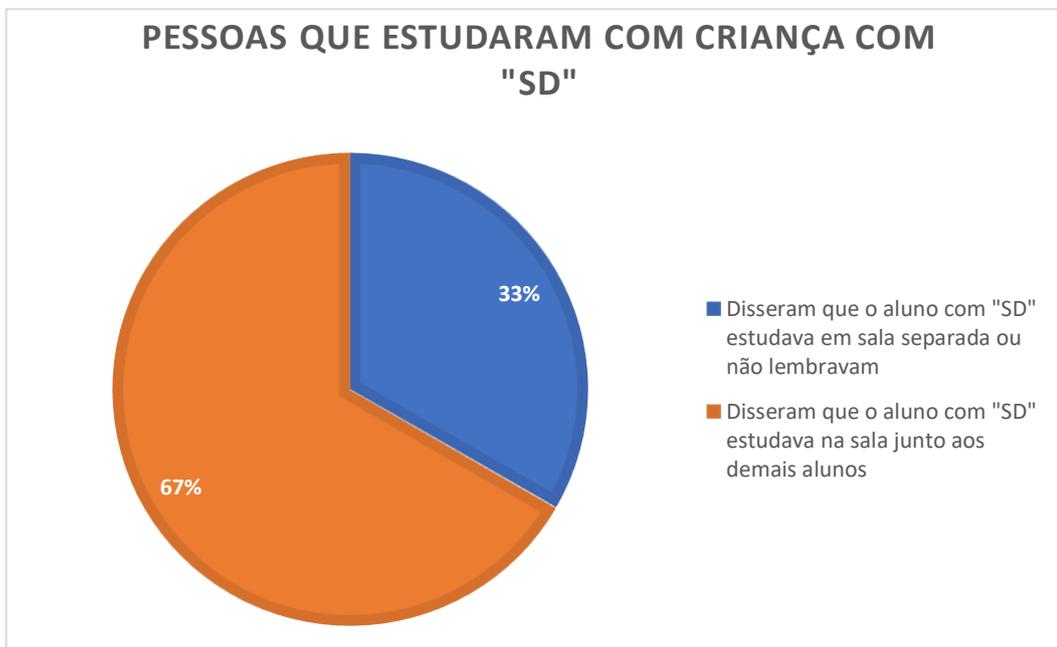
Fonte: Os autores

Figura 3



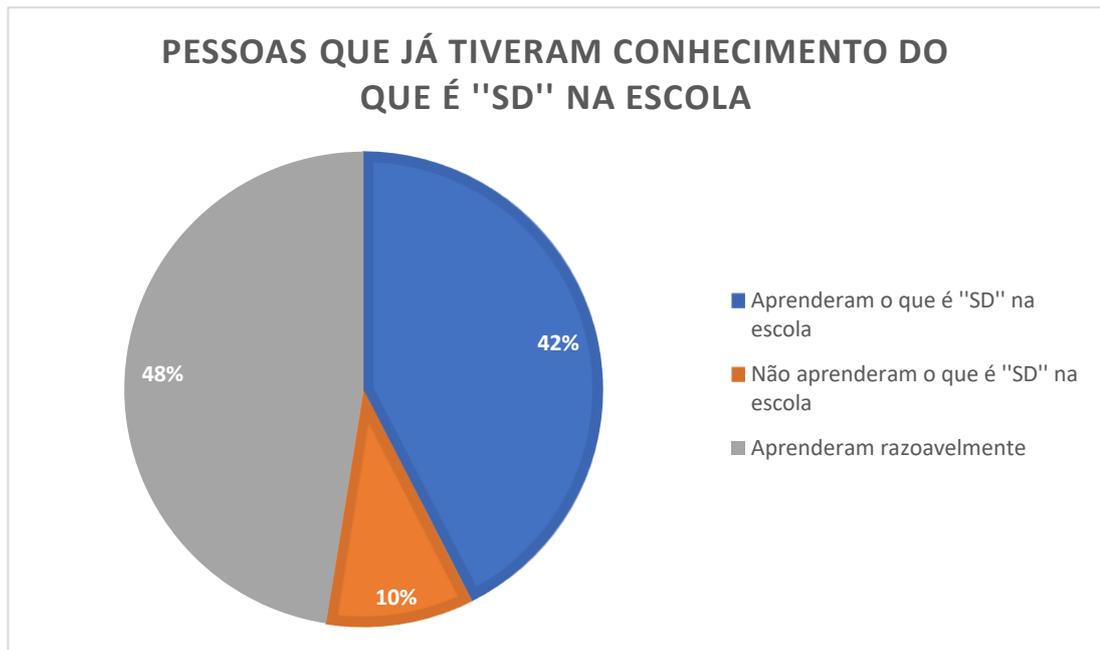
Fonte: Os autores

Figura 4



Fonte: Os autores

Figura 5



Fonte: Os autores

Durante as pesquisas, foi realizada uma pergunta para as pessoas que estudaram com crianças com Síndrome de Down em relação às suas atitudes em sala de aula, obtivemos 4 respostas daqueles que se dispuseram a responder, nelas obtivemos os seguintes dados: 2 pessoas relataram atitudes agressivas ou atitudes de nervosismo dos alunos com "SD" e outras duas relataram atitudes positivas, disseram que eram crianças amáveis e carinhosas.

Por meio dos gráficos foi possível perceber que grande parte das pessoas não tem conhecimento do que é Síndrome Down, os dados comprovam a importância do incentivo escolar para o conhecimento e inclusão das crianças com SD. Grande parte das pessoas não conseguem discernir a importância da sala de recursos para alunos com "SD", o que pode ser instruído de melhor forma pelas escolas públicas.

De acordo com RIHAPPY (2020) A brincadeira também é importante para a socialização das crianças com SD. Isso porque aprendem a entrar em contato e interagir com outras crianças com e sem essas alterações genéticas. É uma forma de se sentir incluído em um grupo e entender que faz parte do todo e pode se comunicar, compartilhar e vivenciar suas experiências, interagindo, fazendo amigos e se divertindo.

Portanto, nosso projeto desenvolve uma brincadeira interativa entre a sala comum, que possuem alunos com Síndrome de Down, na busca de incentivar o conhecimento das crianças sobre o reconhecimento do que é a síndrome e a interação dos alunos no que tange ao incentivo inclusivo. A partir disso foi desenvolvido um jogo, como descrito abaixo:

Nome do Jogo: Conhecendo meus amigos

Materiais Necessários: Cartões com descrições de diferentes características e interesses; em sala de aula e música alegre.

Objetivos do Jogo: Promover a inclusão e amizade entre crianças com e sem síndrome de Down; ensinar sobre a síndrome de Down e promover a compreensão e empatia e estimular a criatividade e a comunicação.

Instruções:

Preparação: Antes do jogo, há uma preparação de uma série de cartões com descrições de características e interesses das crianças, incluindo algumas com síndrome de Down. Por exemplo, "Gosta de desenhar", "Gosta de futebol", "Gosta de dançar", "Sorri muito" "Gosta de ajudar os outros", etc.

Música e Movimento: A música alegre começa a tocar incentivando as crianças a dançar e se movimentar pelo espaço.

Troca de Cartões: Durante a música, as crianças devem trocar cartões entre si. Elas podem conversar e fazer perguntas para descobrir quem se encaixa com cada descrição. Isso ajuda a promover a comunicação e o entendimento mútuo.

Parar a Música: A qualquer momento, pare a música. Quando a música para, as crianças devem encontrar um parceiro que corresponda a um dos cartões que estão segurando.

Compartilhar e Conhecer: Cada par formado deve compartilhar informações sobre si, discutir seus interesses, características e, se aplicável, falar sobre a síndrome de Down.

Rodada de Apresentações: Após um tempo, peça que cada par se apresente ao grupo, compartilhando as informações que aprenderam um sobre o outro.

Discussão e Reflexão: Após o jogo, reúna as crianças para uma discussão sobre como se sentiram, o que aprenderam sobre seus colegas e sobre a síndrome de Down. Incentive a empatia, compreensão e a importância da inclusão.

Explicação:

O jogo "Conhecendo meus amigos" promove a interação e a amizade entre crianças com e sem síndrome de Down, pois enfatiza a importância de conhecer e compreender uns aos outros. Além disso, o jogo ajuda a ensinar sobre a síndrome de Down de maneira natural, pois as crianças podem fazer perguntas e compartilhar informações de maneira descontraída. Isso cria um ambiente de respeito, compreensão e aceitação, onde todas as crianças se sentem valorizadas e incluídas.

A brincadeira por sua vez, foi analisada por duas profissionais na área, pedagogas e especialistas em Síndrome de Down e seus interesses.

“Muito bom, legal, dinâmico e interativo. A aplicação seria algo muito interessante, adoraria que vocês pudessem vir a escola, seria algo diferente da rotina e iria ajudar na comunicação entre as crianças, o que hoje isso se torna tão precária, principalmente entre no âmbito escolar de ensino”

5. RESULTADOS ESPERADOS

Conclui-se, por meio deste trabalho, a imprescindível necessidade de conscientização de todos os agentes envolvidos na esfera educacional e familiar, no contexto das crianças portadoras da Síndrome de Down. É imperativo reconhecer que, apesar dos avanços, ainda há um longo percurso a ser percorrido rumo à verdadeira inclusão dessas crianças, uma vez que as barreiras e preconceitos persistem.

Os resultados esperados deste estudo almejam promover uma compreensão mais profunda e abrangente sobre a importância da inclusão social, especialmente no âmbito escolar. A escola é um ambiente de interação com diversas pessoas, no qual o nosso desenvolvimento intelectual é moldado. Para uma criança sem deficiências, já existe a dificuldade de ser compreendida por seus colegas e professores. No entanto, para uma criança com Síndrome de Down, essa tarefa se torna ainda mais desafiadora.

Acima de tudo, espera-se que esta pesquisa contribua para a mudança de atitudes e pensamentos em relação à inclusão. Deseja-se que o conhecimento adquirido seja disseminado não apenas para o grupo de pesquisa, mas para um público mais amplo, abrindo portas para uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, e, assim, promover progressos notáveis na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde cada criança tenha a oportunidade de desenvolver seu potencial plenamente, independentemente de suas particularidades.

Os resultados almejados incluem, portanto, uma maior conscientização por parte de professores, familiares e demais envolvidos no processo educacional, bem como uma compreensão mais profunda da realidade das crianças com Síndrome de Down. Espera-se que isso resulte em uma transformação significativa na forma como essas crianças são tratadas e integradas na sociedade, contribuindo para uma verdadeira inclusão e igualdade de oportunidades.

REFERÊNCIAS

A inclusão de crianças portadoras da síndrome de down. Projeto Redação, 2018. Disponível em: <https://www.projetedacao.com.br/temas-de-redacao/a-integracao-social-da-pessoa-com-sindrome-de-down/a-inclusao-de-criancas-portadoras-da-sindrome-de-down/fcb0ec9b01/>. Acesso em: 19 set. 2023

BARION, Thais. Ações de Inclusão de alunos com Síndrome de Down nas escolas. Guia de rodas, 2021. Disponível em: <https://guiaderodas.com/acoes-de-inclusao-de-alunos-com-sindrome-de-down-nas-escolas/>. Acesso em: 01 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Planalto.gov.br, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 ago. 2023

BRASIL. Lei 16.925/2019, de 16 de janeiro de 2019. Institui Projeto de lei nº 184, de 2011, dos Deputados Célia Leão - PSDB e Orlando Bolçone – PSB. ALESP, 2019. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2019/lei-16925-16.01.2019.html#:~:text=Artigo%201%C2%BA%20%2D%20%C3%89%20vedada%20a,em%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas%20ou%20privadas.> Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146/2015, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Planalto.gov.br, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 17 ago. 2023.

Brincadeiras para crianças com síndrome de down: como elas ajudam no desenvolvimento. Modo brincar Rihappy, 2020. Disponível em: <https://modobrinca.rihappy.com.br/brincadeiras-para-criancas-com-sindrome-de-down/>. Acesso em: 25 set. 2023.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Acesso em: 02 out. 2023

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019. Acesso em: 01 out. 2023

GOMES, Leonardo Gontijo. 10 Ensinaamentos O que Aprendi Sobre Vida, Liderança e Gestão com meu Irmão com Síndrome de Down. www.incluo.com.br: Incluo, 2021.

HAMILTON, Nina Powell. Síndrome de Down (Trissomia 21). Manual msd, 2021. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-infantil/anomalias-cromoss%C3%B4micas-e-gen%C3%A9ticas/s%C3%ADndrome-de-down-trissomia-21>. Acesso em: 15 ago. 2023.

HANNUM JSS, et al. Impacto do Diagnóstico nas Famílias de Pessoas com Síndrome de Down: Revisão da Literatura. *Revista Pensando Famílias*, 2018; 22(2): 121-136.

Hospital Pequeno Príncipe. Síndrome de Down: inclusão plena na sociedade ainda é um desafio. Curitiba. Complexo Hospital, 2022. Disponível em: <https://pequenoprincipe.org.br/noticia/sindrome-de-down-inclusao-plena-na-sociedade-ainda-e-um-desafio/>. Acesso em: 10 ago. 2023

Instituto MetaSocial, A Família como maior Estimuladora da pessoa com down, 2023. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/18457/1496258685ebook_10_familia.pdf. Acesso em: 1 set. 2023

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. Metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Acesso em: 01 out. 2023

MARQUES, Yuri. Crianças com síndrome de Down e a educação infantil. Quero bolsa, 2023. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/criancas-com-sindrome-de-down>. Acesso em: 15 ago. 2023

MARINHO MFS. A intervenção fisioterapêutica no tratamento motor da síndrome de down: uma revisão Bibliográfica. *Revista Campo do Saber*, 2018; 4(1): 67-74.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. BVS Biblioteca Virtual em Saúde, [s.d]. 21/3: Dia Mundial da Síndrome de Down. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/21-3-dia-mundial-da-sindrome-de-down/>. Acesso em: 10 ago. 2023

National Geographic Brasil. National Geographic. 2023. Dia Internacional da Síndrome de Down: por que se usam meias coloridas nesta data. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/03/dia-internacional-da-sindrome-de-down-por-que-se-usam-meias-coloridas-nesta-data>. Acesso em: 09. Set. 2023

PELOSIA MB, et al. Atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas com crianças e pré-adolescentes com Síndrome de Down. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2020; 28(2): 511-524.

PENDAROVSKI, Stevo. Presidente da Macedônia do Norte leva à escola menina com síndrome de Down vítima de bullying. *G1*, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/13/presidente-da-macedonia-do-norte-leva-a-escola-menina-com-sindrome-de-down-vitima-de-bullying.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2023.

QUEIROZ, Ana Júlia. Inclusão de alunos com Síndrome de Down no ambiente escolar. Agência uva barra, 2021. Disponível em: <https://agenciauvabarra.com/2021/10/20/inclusao-de-alunos-com-sindrome-de-down-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 01 set. 2023.

REIS, Carolina. Inclusão da criança com síndrome de down no ensino regular. Jus Brasil, 2016. Disponível em:

<https://www.google.com/amp/s/www.jusbrasil.com.br/artigos/inclusao-da-crianca-com-sindrome-de-down-no-ensino-regular/437752272/amp>. Acesso em: 01 set. 2023.

SEHN AS, et al. Interação mãe/pai-criança com síndrome de Down: revisão sistemática da literatura. Revista Contextos Clínicos, 2019; 12(1): 153-185.

SOUZA, Claudia. A Fala e a Síndrome de Down. Espaço aprender a +, 2017. Disponível em: <http://www.espacoaprendercpp.com.br/sem-categoria/fala-e-sindrome-de/>. Acesso em: 01 set. 2023.

VARELLA, Maria Helena. Síndrome de Down. Drauzio Varella, 2023. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-down/amp/>. Acesso em: 15 ago. 2023.